



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

LÉA MARIA SANTOS BONFIM

**O PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA DO ILÊ AIYÊ:
UMA ANÁLISE DOS CADERNOS DE EDUCAÇÃO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

LÉA MARIA SANTOS BONFIM

**O PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA DO ILÊ AIYÊ:
UMA ANÁLISE DOS CADERNOS DE EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso –
apresentado ao Instituto de Humanidades e
Letras do Campus dos Malês, da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como
requisito para obtenção do título de Bacharel
em Humanidades.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucilene Rezende
Alcanfor.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

LÉA MARIA SANTOS BONFIM

**O PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA DO ILÊ AIYÊ:
UMA ANÁLISE DOS CADERNOS DE EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso –
apresentado ao Instituto de Humanidades e
Letras do Campus dos Malês, da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como
requisito para obtenção do título de Bacharel
em Humanidades.

Aprovado em: 18/11/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Lucilene Rezende Alcanfor (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Jorge Garcia Basso

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof^a. Dr^a. Eliane Costa Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OBJETIVOS	8
2.1	GERAL	8
2.2	ESPECÍFICOS	8
3	JUSTIFICATIVA	9
4	REFERENCIAL TEÓRICO	14
5	METODOLOGIA	15
6	CRONOGRAMA	17
	REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo analisar o legado pedagógico de Mãe Hilda Jitolu, a partir da leitura e interpretação de edições dos Cadernos de Educação, produzidos no âmbito do Projeto de Extensão Pedagógica do *Ilê Aiyê*. O estudo busca compreender a relevância da educação afrocentrada como instrumento de valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, especialmente no contexto das práticas educativas desenvolvidas pela Escola Mãe Hilda, situada na comunidade do Curuzu, em Salvador.

A pesquisa pretende destacar a trajetória de Mãe Hilda Jitolu, mulher negra, líder comunitária e sacerdotisa do Candomblé, que idealizou um projeto de educação voltado para a formação crítica, cidadã e identitária de crianças e jovens negros. A análise dos Cadernos de Educação busca revelar como os conteúdos elaborados no Projeto de Extensão refletem valores, saberes e práticas pedagógicas afrocentradas, promovendo uma releitura da história do povo negro e o fortalecimento da autoestima da comunidade.

Hilda Dias dos Santos, mais conhecida como Mãe Hilda, nasceu em 1926 no bairro de Brotas, no lugar então chamado *Quinta das Beatas*, hoje o bairro de *Cosme de Farias*, numa família com forte tradição africana. Em 1936, aos treze anos de idade, mudaram-se para o bairro do Curuzu (então parte da Liberdade) onde ela, após uma doença que os médicos não haviam solucionado, viu-se obrigada a *fazer o santo* no candomblé¹. Após cumprir as obrigações da religião, viu-se finalmente curada.

Mãe Hilda é uma figura de extrema importância para o bloco *Ilê Aiyê* que vem atuando durante anos como conselheira espiritual, por isso o nome escolhido foi inspirado no próprio nome do terreiro de Candomblé, sua origem vem do idioma *Iorubá*, onde *Ilê* significa “casa” e *Aiyê* significa “terra” idioma esse que é o *Iorubá*, que vem de países africanos como Nigéria, Benin Togo e Serra Leoa. O mundo assistiu ao surgimento de vários movimentos que lutavam e incentivavam a valorização da cultura negra transformando a vida de inúmeras pessoas que viviam sobre repressão da época e daí surgiu a ideia de se criar um bloco formado por onde só poderiam sair sujeitos negros.

¹ No Candomblé, a expressão “fazer o santo” — também chamada de “iniciação” ou “assentamento do orixá” — designa o processo ritual de iniciação de uma pessoa ao seu orixá, marcando o momento em que ela se torna filho ou filha de santo. É um dos momentos mais sagrados e centrais da religião.

O *Ilê Aiyê* foi criado em 1º de novembro de 1974 pelo músico Antônio Carlos dos Santos, mais conhecido como Vovô², e outros moradores do entorno da ladeira do Curuzu, em Salvador. Na época, a ideia da criação do bloco causou muita insatisfação em vários setores da sociedade e mesmo assim com muitas dificuldades encontradas deu-se continuidade com ao projeto. O bloco ocupou uma periferia majoritariamente negra da capital baiana. Foi nesse contexto que surgiu o *Ilê Aiyê* que chegou com uma proposta até então inédita no Brasil, um bloco formado exclusivamente por negros. A partir da criação do *Ilê Aiyê* surgiram outros blocos como, *Olodum*, *Malê de Balê*, *Muzenza*, *Bankoma* dentre outros, tendo como forte apresentação sempre trajetória da história da África e de estados brasileiros que contassem o legado do povo negro.

A sede do *Ilê Aiyê* está situada na ladeira do Curuzu, Bairro da Liberdade, na cidade de Salvador-Bahia. A história do bloco coincide com um momento histórico importante, pois inicialmente Vovô² queria que o bloco ganhasse o nome de “*Povo Negro*”, no entanto, diante do racismo que havia na época ele consultou Mãe Hilda que desaconselhou o uso desse nome.

No mesmo espaço onde nasceu o *Ilê Aiyê*, em novembro de 1974, quatorze anos depois nascia a Escola Mãe Hilda. Tudo começou em 1988, com pouco mais de cinco crianças que tinham dificuldades de aprendizagem e as mães buscaram a filha de Mãe Hilda para dar *banca*³. Depois surgiram outras crianças evadidas da rede pública com históricos de bi-repetência e indisciplina, que não podiam mais ficar na escola pública. E correu rápido a notícia de que as filhas de Mãe Hilda estavam ensinando, as crianças aprendendo, e tinha mudado o comportamento. Um ano depois, já não havia cadeiras suficientes para acomodar as crianças. Mãe Hilda, que sempre acreditou ser o seu Terreiro um espaço de educação formal, encorajou-se e pediu ao Secretário de Educação da época, Dr. Edvaldo Boaventura, algumas carteiras e equipamentos, mesmo usados, para atender àquela clientela.

O seu pedido foi atendido e a escola começou a funcionar no “barracão” das festas sagradas, com duas professoras no mesmo espaço, atendendo aos alunos de

² Antonio Carlos dos Santos, “Vovô do Ilê”, como é conhecido, é filho da sacerdotisa Mãe Hilda e ganhou esse apelido quando ainda era criança e ia ao colégio usando um terno maior que seu corpo. Ele tinha, então, nove anos de idade e ganhou o paletó de um primo de forma que as outras crianças, até mesmo os professores diziam que ele parecia um velho, e passaram a chamá-lo de Vovô. Ele não gostou do apelido e com isso o epíteto ganhou mais força, depois incorporou o apelido oficialmente em seu nome.

³ Dar banca significa apoio escolar focado na repetição de conteúdos e exercícios escolares, embora atualmente se refere a reforço escolar.

níveis diferenciados. Era uma classe “multisseriada”. A liberação do espaço do Terreiro para o funcionamento da Escola Mãe Hilda foi através de um ritual comandado pela Iyalorixá Jitolu, acompanhada dos filhos de Santo da casa. Neste ritual, rezado e cantado, *Mãe Hilda* pedia permissão aos orixás da casa que abençoasse mais uma missão que lhe cabia. *Mãe Hilda* acredita e afirma que um Terreiro de Candomblé é uma Escola, onde os iniciados aprendem a conviver na irmandade e solidariedade, vivenciando o aprendizado de uma religião que, apesar de não ter o registro escrito, usa a tradição oral e o aprender vendo e fazendo. A partir dessa iniciativa foi que nasceu, anos depois, o Projeto de Extensão Pedagógica e a fundação da escola Mãe Hilda com o objetivo de garantir o direito básico da educação como forma de luta contra a discriminação racial.

O Projeto de Extensão Pedagógica é uma iniciativa do *Ilê Aiyê* que visa promover a educação da cultura negra e afro-brasileira, a partir daí inaugurou a série *Cadernos de Educação*, idealizada pelo poeta, professor e então diretor do bloco Jônatas Conceição e pela pesquisadora, professora e diretora do bloco Maria de Lourdes Siqueira. O projeto fez tanto sucesso que permanece em vigor desde então, entre 1995 e 2018, já se somam 24 edições dos cadernos que foram produzidas e publicadas com informações valiosas sobre a cultura negra. Esses cadernos se consolidaram como instrumento de poder e podem ser utilizados pelas escolas até hoje, gerando um impacto social que vai muito além dos *Cadernos de Educação*, pois através desse projeto, que tem como objetivo promover ações extracurriculares para crianças e jovens de Salvador. Todos os anos, a partir da criação do Projeto de Extensão Pedagógica, cada caderno ganha a ilustração com o tema daquele ano que o *Ilê Aiyê* pretende contar durante o carnaval, um pouco da história de um país do continente africano ou de estados brasileiro e todo conteúdo será estudado pelos alunos da escola mãe Hilda.

Desde então, o grupo iniciou o seu projeto editorial criando os *Cadernos de Educação* com objetivo de traduzir símbolos e valores da trajetória histórica africana e afrodescendente no Brasil.

O interesse por esta pesquisa surgiu a partir da vivência e do contato direto com o universo do bloco *Ilê Aiyê* e suas iniciativas educativas, especialmente o Projeto de Extensão Pedagógica e os *Cadernos de Educação*. Esses materiais refletem um compromisso com a valorização da cultura negra e com a luta antirracista, servindo como referência para práticas educativas comprometidas com

a inclusão e a diversidade cultural.

Além disso, o estudo busca contribuir para o fortalecimento das políticas públicas educacionais que contemplam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (Brasil, 2004), previstas na Lei 10.639/03, ampliando o debate sobre o papel da escola como espaço de resistência, memória e reconstrução histórica. Partindo de tais pressupostos, o presente projeto busca responder à seguinte problemática: Como os Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Ayê contribuem para a formação de uma educação que valorize e reconheça as culturas africanas e afro-brasileiras? Como esses materiais e atividades são percebidos como oportunidades de aprendizado para a comunidade escolar?

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Analisar e compreender o papel dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê como recurso didático e cultural na formação afrocentrada.

2.2 ESPECÍFICOS

- Identificar as contribuições do Projeto de Extensão Pedagógica para a promoção da igualdade racial e da cidadania;
- Discutir a importância da Lei 10.639/03 e sua relação com o projeto pedagógico do Ilê Aiyê;
- Analisar de que forma os conteúdos dos Cadernos de Educação valorizam a ancestralidade e a identidade negra.
- Compreender a percepção da comunidade escolar em relação ao Projeto de Extensão Pedagógica.

3 JUSTIFICATIVA

O presente estudo se justifica por sua relevância social e pela a criação de uma escola destinada ao ensino de crianças e jovens. Em 2024, o bloco *Ilê Ayê* completou 50 anos, consolidando seu objetivo de oferecer uma educação afrocentrada à população.

A participação de familiares — mães, pais, tios ou irmãos — nas atividades do bloco, seja estudando, tocando ou concorrendo à Deusa do Ébano, evidencia a importância do acesso ao conhecimento, fortalecendo crianças e jovens para enfrentar contextos marcados por preconceitos.

Esse processo não se limita à preservação de tradições autênticas, mas envolve a articulação contínua de agentes culturais que reproduzem, narram e recriam a história de sua comunidade ancestral. Por meio do rito de iniciação e da vida cotidiana no terreiro, cria-se uma série de processos participativos e organizativos que estruturam núcleos comunitários e promovem caminhos alternativos de aprendizagem.

O Projeto de Extensão Pedagógica articula ações voltadas à comunicação, cultura e educação, promovendo cidadania, autoestima, orgulho e autoconhecimento da estética afrodescendente entre crianças e jovens do bairro do Curuzu.

Os Cadernos do Projeto de Extensão Pedagógica são elaborados a partir do tema anual do carnaval, refletido nas roupas de desfile do bloco, como camisetas e bonés. Cada caderno apresenta a história de um país africano ou estado brasileiro, incluindo questões, músicas-tema e poesias vencedoras do concurso anual nas categorias “Tema” e “Poesia”. As cores das roupas remetem à bandeira do país ou estado homenageado, mantendo as cores tradicionais do *Ilê Aiyê*: vermelha (sangue derramado nas lutas pela libertação), amarela (riqueza cultural), preta (pele) e branca (paz), podendo ser acrescida outra cor de referência ao tema do ano.

A Coleção Caderno de Educação do *Ilê Aiyê* é composta por alguns volumes. As edições tiveram início no ano de 1995. O Projeto de Extensão Pedagógica do *Ilê Aiyê*, criado no mesmo ano, expandindo essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura africana e afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade

negra.

O 1º Caderno de Educação do *Ilê Aiyê* trata de algumas das mais importantes organizações negras brasileiras do século dezessete até a fundação do grupo em 1974. Este livreto com texto fácil e leve, intitulado “Organizações de Resistência Negra”, informa sobre um passado de resistência e convivência, publicado em 1995.

O 2º Caderno de Educação teve como tema “A Civilização Bantu”, foi publicado em 1996, sendo que o mesmo assunto também inspirou o tema do carnaval. Vê-se assim, uma re-invenção no tratamento das singularidades, revertendo-se não apenas em ludicidade, mas, sobretudo, em compromisso educativo e comunicacional.

O 3º Caderno de Educação foi inspirado em “Zumbi dos Palmares” e os 300 anos da sua morte, lançado em 1997.

O 4º Caderno de Educação traz como tema “A Força das Raízes” contempla um universo de extrema importância e significado crucial para os descendentes de africanos no Brasil, o fenômeno religioso publicado em 1998.

O 5º Caderno de Educação fala das “Pérolas Negras do Saber”, e foi editado em 1999, expondo a trajetória de mulheres e homens negros de talento cultural, intelectual, artístico, espiritual, criadores de Terreiros de Candomblé, de Blocos Afro, de organizações de resistência e de outras áreas. Maria de Lourdes Siqueira, educadora do *Ilê*, sintetiza na apresentação que “As diferenças devem ser celebradas como riquezas a serem socializadas, a serviço de um mundo que considere, com reconhecimento, diversidades e pluralidades, como valores essenciais do ser humano”.

O 6º Caderno de Educação traz como tema “Guiné Conakry” com a sua história antes da invasão do colonizador e a sua luta de resistência à liberdade, foi editado em .

O 7º Caderno de Educação do *Ilê Aiyê* foi produzido após 200 anos da “Revolta dos Búzios”, 1799, para homenagear quatro líderes negros, Luís Gonzaga das Virgens, João de Deus do Nascimento, Luís Dantas de Amorim Torres, Manoel Faustino dos Santos, mortos na época , por terem lutado por direitos iguais e bem-estar social.

O 8º Caderno de Educação trata as ideias da “Terra de Quilombo”, fazendo ver as utopias, o “modus vivendi” e a atualidade dos ideais quilombos. Trata-se da publicação mais recente, de 2000.

O 9º Caderno de Educação do Ilê Aiyê é “África ventre fértil do mundo” com o objetivo de lembrar crenças, valores, conhecimentos, músicas, poesias e filosofia que a África inspirou no mundo inteiro, sendo editado em 2001.

O 10º Caderno de Educação foi “Malês a Revolução” este caderno vem falar da Revolta dos Malês que ocorreu na Bahia em 1835 e significa lembrar como se deu a origem do grupo de africanos escravizados aqui denominados Malês ou Musulmis – Muçulmanos, Maometanos, filhos de Allah ,editado em 2002.

O 11º Caderno de Educação aborda “A Rota dos Tambores no Maranhão”, mostra que a Rota dos Tambores vem da África e se firma na Bahia e no Maranhão, onde se louva, canta e dança para Orixás, Inquices, Voduns, Encantados, Minas, Caboclos das Águas e das Matas, Rainhas, Reis, Chefes de Linhas, Princesas, Imperatrizes ou Imperadores - entidades espirituais africanas e indígenas, foi editado em 2003.

O 12º Caderno de Educação é uma homenagem à Yalorixá do Ilê, sendo lançado como Edição Especial com o título de “*Mãe Hilda - A História de Minha Vida*”. O texto condensa os relatos da Mãe de Santo do Ilê, a sua ancestralidade, suas lembranças e ensinamentos. O resumo das publicações visa constatar o sentido sancionado que contém a comunicação do Ilê, como que sacralizando sempre os seus relatos, mas também mediando com atualizações para mostrar a trajetória do tempo, lançado em 2004.

O 13º Caderno de Educação traz como tema “Moçambique Vutlari” neste caderno o que propõe é mostrar a história de luta e resistência moçambicana, narrada para todos nós através do canto, vestuário do nosso corpo e tambor, a realidade de Moçambique só pode ser compreendida na sua totalidade nas referências de sua civilização tradicional, suas lutas, sua história passada e contemporânea, lançado em 2005.

O 14º Caderno de Educação “O Negro e o Poder” conta a história de negros e negras que galgaram o poder em vários campos do conhecimento ,do religioso, político,militar, educacional, no campo das artes, do empreendimento, em todas as fases da História brasileira e internacional, publicado em 2006.

O 15º Caderno de Educação “Abidjan,Abuja,Harare e Dakar” este exemplar fala sobre o renascimento africano e o direito de sonhar por uma Salvador igual as cidades do nosso continente-mãe. Neste caderno temos a contribuição do professor Kabengele Munanga ao escrever sobre, “ Ação afirmativa e processo de construção

de identidade negra no Brasil”, lançado em 2007.

O 16º Caderno de Educação “Candaces Rainhas do Império Méroe” neste caderno o Ilê da continuidade à sua trajetória de contar a história do povo negro . Assim privilegiando como tema central de debate o negro e o poder ,e valorização, a auto-estima e a visibilidade da mulher negra.Nesta oportunidade, atualizamos esta história de mulheres guerreiras africanas, com importantes lideranças femininas contemporâneas brasileiras como : Gaiaku Luiza, Dete Lima, Lelia Gonzalez, Leci Brandão, Ruth de Souza e Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, lançado em 2008.

O 17º Caderno de Educação “Esmeraldas, Pérolas negras do Equador”, neste caderno o Ilê cantou/contou pela primeira vez a história da resistência negra, na América do Sul em países de língua espanhola. Falamos de Esmeraldas cidade fundada por negros e indígenas no Equador que desde o século XVI se consolidou como Republica dos Zambos filhos de indígenas com africanos de diversas origens étnicas: Mandingas ,Congos e Angolas é um pouco desta História que este caderno oferece, publicado em 2009.

O 18º Caderno de Educação “Pernambuco, Uma nação africana” ,neste caderno o Ilê conta a História de um estado que tem seu nome de origem Tupi, vem de pará’Napu’Ka , que significa “Mar Furado”, referência dada aos indígenas do canal de Santa Cruz, nome, entretanto, é controversa e pode significar também “onde o mar arrebenta” , uma vez que a maior parte do litoral do estado é protegida por paredões de recife de coral . O povo de Pernambuco tem suas origens étnicas entre os povos indígenas que viviam nestas terras; europeus;agentes da colonização e africanos escravizados para o trabalho forçado na região colonial, este caderno foi publicado em 2010.

O 19º Caderno de Educação “Minas Gerais, símbolo de resistência negra” neste caderno Ilê conta a história do estado, falando das etnias africanas que se reorganizam em Minas. O tecido sócio político cultural em Minas Gerais vem do Reino de Ndongo, o Reino Jaga com seu Ingala, o Mani Congo, o domínio rainha Nzinga todos construindo uma linguagem enigmática de origem africana,que se encontra nos Reinados do Congo, nas Confrarias, Irmandades, Congados e Candombes de Minas Gerais e nas diferentes representações de pessoas, lugares e títulos que constituem o universo da cultura africana recriada em Minas Gerais, publicado em 2011.

O 20º Caderno de Educação “Negros do Sul” neste caderno o Ilê retrata alguns

pontos importantes e pessoas ilustres. como a Revolução Farroupilha ou guerra dos Farrapos, conta que trata-se de uma guerra regional de caráter republicano, contra o governo Imperial do Brasil, que resultou na Declaração da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, tornando-se República Rio Grandense, a guerra durou 10 anos. O caderno também fala sobre Oliveira Silveira professor, poeta e ativista, foi um dos idealizadores do 20 de Novembro - Dia da Consciência Negra, publicado em 2012.

O 21º Caderno de Educação “ Guiné Equatorial” neste caderno o Ilê conta um pouco da história do país da África central, o país tem vários grupos étnicos, alguns grupos do povo Bantu que procedentes do sul Saara, como o conjunto Bantu em geral ocuparam junto com outros povos o extremo ocidente do continente africano. Este território foi convencionalmente chamado por seus descobridores de “Território Colonial do Distrito de Biafra” . Após a partilha da África pelas potências europeias, teve distintas e sucessivas denominações até que de forma definitiva passou-se a reconhecer pelo nome de Guiné Equatorial, publicado em 2013.

Os cadernos de educação do Ilê Aiyê são especialmente ligados ao projeto pedagógico da escola Mãe Hilda e têm papel fundamental para a comunidade e são importantes para uma afirmação da identidade negra que valorizam a cultura afro-brasileira sua e ancestralidade, combatendo o racismo estrutural, promovendo o orgulho da identidade negra e o empoderamento contribui para o fortalecimento das lideranças locais e para a formação de sujeitos críticos e protagonistas da sua própria história. A educação comunitária antirracista é um instrumento que aproxima a educação da realidade vivida pelas crianças e jovens negros nas periferias. O resgate cultural e histórico segue ajudando a preservar e transmitir conhecimentos sobre religião de matriz africana, línguas, tradições, arte e história que foram silenciados por séculos.

Também são relevantes para as Universidades em diversas dimensões a produção do conhecimento negro que ajudam a pensar e construir currículos mais diversos, incluindo saberes afro-brasileiros e africanos conforme a Lei 10.639/03, que representa epistemologias próprias, mostrando que há outras formas válidas de produzir e compartilhar conhecimento que vai além de um modelo eurocêntrico. Suas ações de extensão e práticas pedagógicas dialogam com as comunidades tradicionais e periféricas, busca a aproximação com a comunidade e reforça o papel social da Universidade como espaço de transformação social não apenas como centro técnico-científico isolado.

Os cadernos de educação do *Ilê Aiyê* não são apenas materiais didáticos, são instrumentos de luta, resistência, memória e transformação social, sua importância transcende muros da escola ou da Universidade eles me ajudam a entender que educar é também um ato político, cultural e afetivo.

A educação comunitária antirracista aproxima o ensino da realidade vivida por crianças e jovens negros nas periferias. O resgate cultural e histórico promovido pelos cadernos contribui para a preservação e transmissão de conhecimentos sobre religiões de matriz africana, línguas, tradições, artes e histórias que foram silenciadas por séculos.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

A educação desempenha um papel central na promoção da igualdade racial e no combate a preconceitos e estereótipos, sendo a escola um espaço estratégico para a construção de valores inclusivos. A Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas de ensino fundamental e médio, reforça a necessidade de materiais didáticos que reflitam a diversidade étnico-racial e possibilitem o reconhecimento da contribuição histórica e cultural dos povos afrodescendentes no Brasil (Brasil, 2003).

Os materiais didáticos constituem instrumentos poderosos na construção de representações sociais e identitárias, influenciando a percepção de alunos sobre diferentes grupos étnicos. No entanto, estudos demonstram que, frequentemente, esses recursos reproduzem estereótipos raciais e silenciam narrativas de grupos marginalizados. Moreira (2012) observa que muitos livros didáticos apresentam uma visão limitada da história afro-brasileira, reforçando a invisibilidade social de negros e indígenas. Tavares (2014) enfatiza a importância de materiais que promovam uma representação plural, destacando protagonistas negros e indígenas em contextos históricos, sociais e culturais, a fim de fortalecer a identidade e a autoestima dos estudantes desses grupos.

Kabengele Munanga (2004) destaca que a escola deve assumir um papel ativo no combate ao racismo estrutural, não apenas transmitindo conteúdos históricos, mas também promovendo a valorização da cultura negra e a construção de identidades positivas para estudantes afrodescendentes. Para Munanga, materiais didáticos

inclusivos contribuem para a desconstrução de estereótipos raciais e para a construção de uma sociedade mais equitativa.

Nesse sentido, a pedagogia crítica surge como abordagem fundamental para o uso de materiais didáticos na educação antirracista. Freire (1996) defende uma educação libertadora, na qual o estudante se reconhece como sujeito histórico e social, capaz de problematizar as desigualdades e preconceitos presentes na sociedade.

A análise crítica dos materiais didáticos revela que, apesar da legislação e das recomendações pedagógicas, sua implementação ainda é insuficiente. Chartier (1990) sugere que o estudo dos textos e de suas práticas culturais possibilita compreender como eles representam a história e a identidade de diferentes grupos, enquanto Lopes (2018) evidencia que, mesmo após a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira, a presença de conteúdos sobre afrodescendentes nos livros didáticos ainda é superficial e simbólica.

Para que os materiais didáticos contribuam efetivamente para a educação étnico-racial, alguns critérios são essenciais. Segundo Bento (2015), os materiais devem permitir a problematização das relações étnico-raciais em sala de aula, contemplando pluralidade de vozes, autenticidade na representação cultural e integração curricular. Silva e Gomes (2017) reforçam que materiais bem elaborados podem fomentar empatia, reconhecimento cultural e consciência crítica, elementos essenciais para a formação de cidadãos capazes de valorizar a diversidade e combater a discriminação racial.

Dessa forma, evidencia-se que os materiais didáticos têm papel estratégico na promoção da educação antirracista, devendo refletir a pluralidade étnico-racial do Brasil, evitar a reprodução de estereótipos e integrar-se a práticas pedagógicas críticas. Assim, a escola, ao utilizar materiais didáticos adequados, contribui para a formação de uma sociedade mais justa e inclusiva.

5 METODOLOGIA

Será realizada uma pesquisa documental, tendo como fonte os Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica, por meio da análise de todo o material publicado até o momento sobre o tema. Em seguida, serão realizadas visitas à

Associação Carnavalesca Ilê Aiyê, com o objetivo de coletar dados por meio de entrevistas com os associados, bem como com moradores do bairro que não sejam associados, a fim de identificar a influência dos Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica. Busca-se compreender como esses materiais e atividades são percebidos como oportunidades de aprendizado, seja por meio da educação formal afrocentrada ou de outras formas de aprendizado, como oficinas, contribuindo para mudanças na vida das crianças e jovens do bairro do Curuzu e regiões adjacentes, na cidade de Salvador-BA.

6 CRONOGRAMA

ETAPA	ATIVIDADE	MÊS DE EXECUÇÃO
1	Escolha e delimitação do tema; definição do problema e dos objetivos.	Janeiro
2	Levantamento preliminar de referências bibliográficas e fichamentos iniciais.	Fevereiro
3	Elaboração do projeto de pesquisa e submissão ao orientador.	Março
4	Revisão bibliográfica inicial e construção do referencial teórico.	Abril
5	Aprofundamento da revisão bibliográfica e atualização de fontes.	Maiio
6	Ajustes no projeto conforme orientações recebidas.	Junho
7	Redação dos capítulos teóricos do TCC.	Julho
8	Continuidade da redação e início da parte analítica/discussão.	Agosto
9	Consolidação dos resultados e considerações finais.	Setembro
0	Revisão geral do texto e adequação às normas da ABNT.	Outubro
11	Entrega do TCC ao orientador para avaliação final.	Novembro
12	Correções finais, entrega definitiva e preparação para a defesa.	Novembro

REFERÊNCIAS

BENTO, M. C. *Educação antirracista: desafios e práticas pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2015.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. *Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CHARTIER, R. *O mundo como representação*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOPES, R. F. *Representações étnico-raciais em livros didáticos brasileiros: análise e perspectivas*. Revista Brasileira de Educação, v. 23, n. 72, p. 45-63, 2018.

MOREIRA, A. *Livros didáticos e representações raciais: uma análise crítica*. Educação & Sociedade, v. 33, n. 120, p. 789-806, 2012.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SILVA, P.; GOMES, L. *Materiais didáticos e diversidade cultural: contribuições para a educação antirracista*. Educação em Revista, v. 33, n. 2, p. 55-73, 2017.

TAVARES, R. *Educação e diversidade étnico-racial: desafios para os materiais didáticos*. Cadernos de Pesquisa, v. 44, n. 154, p. 112-131, 2014.